

A PRODUÇÃO DE QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA COMO GÊNERO ACADÊMICO

Maria Aparecida DA COSTA¹
Ana Maria de Oliveira PAZ²

Resumo: O artigo consiste em um relato de experiência que apresenta e descreve as principais discussões emanadas do minicurso *Produzindo questionários de pesquisa: da técnica instrumental ao gênero acadêmico*, ministrado a estudantes do Curso de Letras/Espanhol durante um evento promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no segundo semestre de 2018. No referido minicurso, discutimos o questionário de pesquisa na condição de gênero acadêmico, tendo em vista a sua franca utilização como artefato-chave na realização de pesquisas aventadas nas Ciências Humanas, em particular nos cursos de licenciatura. Assim, tendo como foco a prática de escrita reflexiva, privilegamos o que diz a literatura sobre o tema a partir de variadas vertentes, bem como a análise e a produção de questionários, considerando os aspectos linguísticos, retórico-discursivos e pragmáticos do gênero. O escopo teórico central adotado pauta-se nos estudos de gêneros da Sociorretórica (BAZERMAN, 2005; MILLER, 2012; BHATIA, 1997) e nos conceitos advindos da Metodologia Científica e de outras áreas que se interessam por compreender e examinar o questionário de pesquisa (DÖRNYEI, 2003; VIEIRA, 2009; RICHARDSON, 2009; COSTA; 2014). Os resultados sugerem a relevância, no âmbito do letramento acadêmico, de se promover o conhecimento sobre os gêneros de texto a partir de seus enquadres conceituais, aliado à análise, à produção escrita e à prática da reescritura, favorecendo a aprendizagem e a apropriação dos gêneros em uma perspectiva notadamente qualitativa.

Palavras-chave: Gêneros textuais; Questionário de pesquisa; Letramento acadêmico; Produção escrita.

Abstract: The essay consists of an experience report. It presents and describes the main discussions of the short course *Producing research questionnaires: from the instrumental technique to the academic genre*, taught to students of the Course of Letters / Spanish Language, during an event promoted by the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) in the second semester of 2018. In the mentioned short course, we discussed the research questionnaire as an academic genre, considering its wide use as a key artifact in the conduct of research in the Human Sciences, particularly in undergraduate courses. Thus, focusing on the practice of reflective writing, we privilege what the literature says about the subject from various perspectives, as well as the analysis and production of questionnaires, considering the linguistic, rhetorical-discursive and pragmatic aspects of the genre. The central theoretical scope adopted is based on studies of Socio-Rhetoric genres (BAZERMAN, 2005; MILLER, 2012; BHATIA, 1997), and on the concepts from Scientific Methodology, and other areas interested in understanding and examining the research questionnaire (DÖRNYEI, 2003; VIEIRA, 2009; RICHARDSON, 2009; COSTA, 2014). The results point to the relevance, within the scope of academic literacy, of promoting knowledge about text genres from their conceptual frameworks,

¹ Mestre e doutoranda em Estudos da Linguagem, na área de concentração em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Natal/RN. *E-mail:* aparecosta@hotmail.com.

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Natal/RN. Docente do Departamento de Letras do CERES/UFRN, Campus de Currais Novos/RN. *E-mail:* hamopaz@yahoo.com.br.

combined with analysis, writing production and rewriting practice, to promote learning and appropriation of the genres in a qualitative perspective.

Keywords: Genres of text; Research questionnaire; Academic literacy; Written production.

Situando o ponto de partida e os objetivos do artigo

Ao longo das investigações acadêmicas, sobretudo as que envolvem colaboradores humanos, o questionário de pesquisa sempre constituiu um relevante instrumento na busca e na composição de achados para análise. Hoje, com a franca expansão da chamada *Web 2.0*, cujo território de telerrealidade é marcado pelas inúmeras possibilidades de interação entre os sujeitos, observa-se o constante surgimento de ferramentas digitais de alto impacto na promoção de pesquisas. Exemplo disso são os formulários do *Google Forms*, que oferecem gratuitamente um variado arcabouço de recursos específicos voltados à produção de perguntas direcionadas para a coleta/geração de informações, e até mesmo a formulação de indicadores em gráficos para a análise de dados, tudo via questionários virtuais. No que pese a oferta desses recursos, sejam os oriundos das novas tecnologias digitais, sejam os produzidos em plataformas tradicionais de edição de texto, a elaboração do *corpus* contendo perguntas continua sendo de responsabilidade intelectual do pesquisador. Assim, em termos de escrita, compreendemos que aquilo que está efetivamente posto nas questões abordadas deverá incidir, em larga escala, na qualidade do processamento e da interpretação dos dados que constituirão os *corpora* das pesquisas. Foi justamente dessa percepção que surgiu a necessidade de trazer tais discussões para o âmbito dos cursos de formação docente, no intuito de elucidar o impacto que a produção escrita do gênero acarreta nos resultados do trabalho do pesquisador. Nessa vertente, o presente artigo aborda em seu escopo, à guisa de um modelo didático, o trajeto metodológico e a descrição das principais discussões emanadas do minicurso intitulado *Produzindo questionários de pesquisa: da técnica instrumental ao gênero acadêmico*, ministrado a estudantes do Curso de Letras/Espanhol durante um evento promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Currais Novos, no segundo semestre de 2018. Além desses alunos, o minicurso contemplou como público-alvo bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e da Iniciação Científica (PIBIC), bem como discentes de outras áreas interessados em atividades de pesquisa acadêmica, abarcando um total de vinte e cinco alunos participantes. No referido minicurso, discutimos, centralmente, o questionário de pesquisa na condição de gênero acadêmico. Com foco na prática de escrita, o objetivo consistia em conhecer, analisar e produzir questionários levando em conta os seus aspectos linguísticos, retórico-discursivos e pragmáticos, dadas as possibilidades de utilização desse gênero como artefato-chave na realização de pesquisas aventadas nas Ciências Humanas, particularmente nos cursos de licenciatura. Assim, para além da mera instrumentação técnica, destacamos, nesta proposta, a relevância da autoria como aspecto subjacente ao questionário, apontando aos alunos cursistas caminhos e sugestões no sentido de orientá-los quanto à produção do gênero, sempre em consonância com os objetivos e a natureza de cada tipo de pesquisa.

Metodologia e aportes teóricos do minicurso

Por se tratar de um curso de curta duração, em sua estrutura curricular privilegiamos a execução de uma ementa dividida em tópicos com subsídios teóricos, alternados com a aplicação de três atividades envolvendo leitura, análise e produção do gênero. A ementa eleita ficou assim dividida: 1. *Apresentação: por que e para que produzir questionários?*; 2. *A pesquisa científica quanto à sua natureza: qualitativa; quantitativa; quali-quantitativa*; 3. *Afinal, o que é um questionário?*; 4. *Tipos de questionário quanto às perguntas*; 5. *A redação das perguntas: aspectos retórico-discursivos*; 6. *Avaliação do minicurso e considerações finais*. No tocante à compreensão mais ampla de gêneros textuais, assumimos as postulações da Sociorretórica apoiadas por Bazerman (2005) e Miller (2012), por conceberem os textos, cada autor com seu olhar, como formas padronizadas de organização social envolvendo atividades e pessoas. Em Silva (s.d.) e Richardson (2009), introduzimos o tema que trata da classificação consensualmente aceita para a natureza dos tipos de pesquisa científica. Sobre os estudos que centram foco na produção escrita de questionários de pesquisa, tomamos como base as orientações teóricas de Dörnyei (2003), Vieira (2009) e Richardson (2009) – aqui, em um padrão mais alinhado ao rigor metodológico – além de Costa (2014) e Houaiss (2001), que expõem o conceito de questionário na condição de verbete. Uma vez que a nossa abordagem refere o questionário como gênero acadêmico, transcendendo a concepção canônica que o vê como mero artefato – pensamento largamente difundido nos tratados de metodologia – também elucidamos as discussões de Bhatia (1997), ao tratar da análise de gêneros nos contextos acadêmico e profissional, e de Souza e Bassetto (2014), estas últimas, sobretudo, por seu interesse na apropriação de gêneros acadêmicos escritos por aprendizes do Curso de Letras. Para nortear essa seleção de temas, explorados através de aula teórico-expositiva alternada com atividades de prática de escrita, partimos do princípio de que a opção pelo trabalho com os gêneros de texto, dado o impacto social de tais construtos, tem buscado elevar a qualidade das investigações acadêmicas, razão por que devem estar na pauta das produções escritas dos docentes em formação.

ESMIUÇANDO O MINICURSO: UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO QUESTIONÁRIO

Para compreender a pesquisa científica

Um importante ponto a ser discutido quando o assunto é produção de questionários na universidade é o que leva em conta a escolha da natureza da pesquisa científica. Nesse primeiro momento da aula, após o reconhecimento do público ali presente, quando os alunos participantes mencionaram informações acerca do curso que frequentam, se eram bolsistas de iniciação à docência ou científica, além de falarem sobre as razões que os levaram a escolher o minicurso, partimos para as discussões que se dedicam a enquadrar a natureza das investigações científicas. O intuito, aqui, era favorecer um direcionamento prévio sobre o tipo de pesquisa pretendida, o qual serve como pano de fundo e é um elemento norteador para a seleção do modelo de questionário a ser posteriormente selecionado e produzido.

Nessa perspectiva, reforçamos que as definições relacionadas ao processo de classificação da pesquisa têm por mérito indicar ao aluno os métodos de coleta ou de geração de dados de que ele dispõe e que lhe podem ser favoráveis, aliados às técnicas de análise que serão utilizadas para a consecução do estudo.

Assim, entre os autores da vasta literatura que versa sobre as metodologias de pesquisa, prevalece a ideia de que duas possíveis direções podem ser assumidas pelos pesquisadores em qualquer que seja a seara: a dos métodos qualitativos e a dos métodos

quantitativos. Embora essa divisão pareça consensual, Easterby-Smith, Thorpe e Lowe (1999, p. 70 *apud* SILVA, s.d., p. 20) salientam um relevante contraponto: as pesquisas qualitativas e as quantitativas não são inteiramente autônomas, visto que estão “[...] subordinadas às considerações de propósitos e filosofia adotada no estudo”.

Em termos conceituais, pode-se dizer que nas investigações que adotam a abordagem do método qualitativo não há uma preocupação com medidas, quantificações ou técnicas estatísticas de qualquer natureza. Antes, busca-se compreender, com base em dados qualificáveis, a realidade de determinados fenômenos a partir da percepção dos diversos atores sociais (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002 *apud* SILVA, s.d.).

Nesse tipo de abordagem, são implantadas técnicas de coleta/geração, codificação e análise de dados que têm como objetivo produzir resultados a partir dos significados atribuídos aos fenômenos estudados, dispensando, portanto, “a manifestação de preocupações com a frequência com que os fenômenos se repetem no contexto do estudo” (SILVA, s.d., p. 20).

Silva (s.d.) ainda lembra que em investigações de natureza qualitativa, os atores sociais envolvidos na pesquisa são normalmente levados a refletir sobre suas ações e as consequências dessas ações para a realidade de que fazem parte. De acordo com Richardson (1999, p. 79 *apud* SILVA, s.d., p. 20), “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”.

Dessas conceituações, podemos inferir que a pesquisa qualitativa apresenta em suas bases as seguintes características: prevalência da qualificação dos dados em detrimento da mera quantificação; interesse na avaliação da qualidade das informações; destaque aos atores sociais e às suas percepções para a compreensão do meio social; e, por fim, despreocupação no tocante a medidas.

As pesquisas de natureza quantitativa, por seu turno, implicam a utilização de medidas previamente estabelecidas, cujos resultados, via de regra, devem ser quantificáveis, garantindo o estabelecimento de conclusões seguras e confiáveis (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002 *apud* SILVA, s.d.). Conforme argumenta Richardson (1999, p. 70), “o método quantitativo, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas”.

Estudos dessa natureza podem aplicar técnicas variadas, como médias, desvio-padrão, moda, correlação, regressão, dentre outras (RICHARDSON, 2009). Conclusivamente, destacam-se na pesquisa quantitativa os seguintes aspectos: a utilização de medidas; a busca por resultados quantificáveis; a não preocupação com a qualificação dos dados; e a opção pela estatística básica ou avançada, usada na sistematização dos dados e na operacionalização das análises.

Quando os métodos se encontram: as pesquisas quali-quantitativas

Reiterando o observado por Easterby-Smith *et al.* (1999, *apud* SILVA, s.d.), o fato de haver dois vieses de pesquisas quanto à classificação por sua natureza não é fator que deva supor a existência de uma em detrimento de outra. Daí porque é possível a utilização de ambos os métodos, simultaneamente e sem prejuízo à investigação, sempre que for conveniente ou se mostrar necessário ao trabalho do pesquisador. É o caso, pois, das chamadas pesquisas de natureza quali-quantitativas.

Nelas, são desenvolvidas duas etapas de pesquisa: primeiramente é conduzida a fase qualitativa para se conhecer o fenômeno estudado. De posse dessas informações,

parte-se para a construção de um *questionário fechado* que deverá ser aplicado no *locus* investigado. Tão logo os dados sejam construídos e tabulados, procede-se à sua análise com o auxílio de instrumentos estatísticos.

A decisão pelo desenvolvimento de uma pesquisa quali-quantitativa envolve, além do interesse dos pesquisadores, o enfoque dado ao problema de pesquisa que, muitas vezes, depende de uma abordagem múltipla para ser adequadamente investigado (GIL, 1999; RICHARDSON, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002 *apud* SILVA, s.d.).

Conforme é possível observar com base nessas breves explicações, um relevante fator que antecede a seleção do modelo de questionário diz respeito justamente ao correto entendimento do escopo da pesquisa que o discente pretende realizar. Dado que o conhecimento sobre os gêneros de texto se estabelece, efetivamente, em seu contexto de produção e de circulação, podemos afirmar que quanto mais apropriado e arguto for esse saber, menos dificuldade o aluno terá ao conduzir suas pesquisas na universidade, ao primar pelo compartilhamento de informações, conhecimentos e experiências, que são aspectos peculiares do letramento acadêmico (SOUZA; BASSETTO, 2014).

Partindo para a prática: a Atividade 1

Após a apresentação dos enquadres das pesquisas científicas abordados em caráter de revisão, foi a vez de aplicar a Atividade 1. A proposta consistia na leitura de dois resumos de artigos científicos (*cf. Quadro 1*), seguidos de suas respectivas palavras-chave, extraídos *ipsis litteris* de periódicos especializados oriundos de bancos de dados da Educação.

No enunciado da atividade, solicitava-se aos discentes que procedessem à identificação dos instrumentos de pesquisa, bem como a sua natureza e o campo investigado citados nos resumos.

Propositamente, ambos os artigos traziam em sua abordagem o questionário de pesquisa como técnica de coleta de dados. Essa seleção contemplou um duplo objetivo: o primeiro era familiarizar os alunos cursistas com a noção de que esse gênero é mais frequente em determinados tipos de levantamento; e o segundo, decorrente do primeiro, residia em fomentar a percepção do questionário como gênero acadêmico e não como mera instrumentação desprovida da personalidade retórica de seus produtores.

Quadro 1 | Resumos analisados na Atividade 1

RESUMO 1 | A Técnica do Questionário na Pesquisa Educacional

Prof. Galdino Chaer | Prof. Rafael Rosa Pereira Dimiz | Prof.^a Dr.^a Elisa Antônia Ribeiro

O presente trabalho almeja discutir o emprego do questionário enquanto técnica de coleta de dados, recorrentemente empregada nas pesquisas que envolvem o levantamento de uma grande quantidade de dados, como também o seu emprego nas pesquisas de cunho qualitativo. Aqui, decidiu-se pelo recorte espacial de estudo dessa técnica, especificamente, orientado para trabalhos de conclusão de curso de graduandos dos cursos tecnológicos de instituição de ensino superior privada. Este trabalho pretende demonstrar a importância da pesquisa na construção do conhecimento e destacar a urgência de se socializar e divulgar o conhecimento científico entre os discentes de nível superior como forma de conhecer, participar e intervir na realidade. Soma-se a isso, a partir da identificação percebida pelos autores quando da orientação de trabalhos de conclusão de curso, a necessidade de apontar a relevância da escolha adequada da técnica de coleta de dados para o alcance dos resultados esperados.

Pretende, ainda, mostrar que o questionário é uma técnica bastante viável e pertinente para ser empregada quando se trata de problemas cujos objetos de pesquisa correspondem a questões de cunho empírico, envolvendo opinião, percepção, posicionamento e preferências dos pesquisados. Neste sentido, busca-se destacar a forma pela qual são construídas as perguntas do questionário, atentando-se para o conteúdo, número e ordem das questões, uma vez que as perguntas são as responsáveis pelo alcance das respostas ao desenvolvimento dos trabalhos [...].

Palavras-chave | Técnica; coleta de dados; questionário; pesquisa; ensino superior.

RESUMO 2 | Uma visão antropológica da aplicação de questionários na pesquisa em educação

Alice Pereira Xavier

No presente estudo alguns conceitos antropológicos – ideia de vocabulário nativo, inteligibilidade e aproximação do outro – e sociológicos são acionados como estratégia para a ressignificação da aplicação de questionários, levando a considerá-la como instância de processos sociais complexos que produzem opinião. A análise das reações e atuações dos atores escolares no momento de aplicação dos questionários é considerada como uma possibilidade para a interpretação da diversidade de características materiais, das disposições e ações individuais, fundamentando a leitura dos dados quantitativos para além das explicações estatísticas. Durante a descrição deste tipo de atividade, pôde-se dimensionar a relação entre as exceções e a regularidade de comportamentos, ampliando o olhar para o futuro trabalho de observação do campo, para os mecanismos de identificação e interação com os pesquisadores e desta etapa como espaço para a reflexão de aspectos da experiência escolar. Recomenda-se, enquanto instrumento de ampliação para a abordagem quantitativa, que o conjunto de impressões sobre a aplicação de questionários na pesquisa educacional deva ser contabilizado na análise das frequências, compondo a interpretação dos resultados de pesquisa.

Palavras-chave | Instrumentos de pesquisa; aplicação de questionário; pesquisa quantitativa; pesquisa em educação.

Fontes: Chaer *et al.* (2011); Xavier (2012).

Aos alunos foi estipulado o tempo médio de dez minutos para realizarem a análise individualmente. Concluída essa parte, deu-se a socialização oral das respostas levantadas. Das dificuldades observadas na realização da atividade, a que se revelou com maior incidência foi identificar o campo investigado (Educação). Muito embora essa informação apareça de forma bastante evidente nos resumos – ora no título, conforme se pode ler em “A Técnica do Questionário na Pesquisa Educacional” (resumo 1) e “Uma visão antropológica da aplicação de questionários na pesquisa em educação” (resumo 2), ora na apresentação das palavras-chave – muitos discentes se mostraram inconclusivos quanto à resposta desse quesito.

Assim, ainda na socialização das respostas, quando dialogamos sobre as possíveis razões para essa dificuldade, evidenciou-se, por um lado, que alguns alunos não compreenderam a designação “campo” como referência ao domínio científico e, por outro, que, ao proceder com a leitura de análise, eles se limitaram a lançar um olhar mais criterioso somente para o corpo do resumo, preterindo as seções de título e as palavras-chave, constitutivas do gênero resumo acadêmico, e, portanto, imprescindíveis para o reconhecimento dos elementos supratextuais.

Estudos sobre o ato de perguntar: por uma definição do gênero questionário

Após a aplicação da Atividade 1 e o observado dela proveniente, partimos para as considerações acerca do gênero questionário de pesquisa. A discussão foi encetada com a apresentação de algumas siglas de entidades brasileiras que têm por métier o levantamento de informações em públicos de porte expressivo, mediante a prática em comum de fazer perguntas.

Entre as siglas expostas, todas invariavelmente de amplo conhecimento popular, destacamos a do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos); Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas); Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística); e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Objetivávamos, aqui, mostrar que o Brasil detém uma tradição institucional consolidada no ofício de perguntar, estabelecida sob forte vinculação com as ciências estatísticas, a julgar pela presença do termo em três das quatro siglas apresentadas (Dieese, Ibope e IBGE). Além disso, ressaltamos que todos esses órgãos, a despeito de suas peculiaridades, demandas profissionais e distinção ideológica, são marcados pelo desafio comum de ter que lidar com perguntas, com sua própria malha de questionamentos, e aplicá-las a quem de interesse. Dito de outro modo, todos são, em alguma medida, produtores *sui generis* ou usuários de questionários.

No eixo dessas altercações, lançamos a seguinte questão: “Mas, afinal, o que é um questionário?”. Após ouvir o posicionamento dos discentes quanto às suas impressões sobre o gênero, iluminamos a problemática abordada por Costa³, que traz a exposição de cinco conceitos-chave propostos por autores advindos de segmentos diferentes (Ciências Sociais, Bioestatística, Linguística Aplicada, Lexicografia e Psicolinguística). Essa prática institui uma forma tanto de ampliar as definições sugeridas pelos alunos quanto de confrontá-las interdisciplinarmente com cada escopo teórico assumido para o termo em perspectiva.

Nessa direção, iniciamos o tempo com a definição do sociólogo Roberto Jarry Richardson (2009), para quem o citado gênero diz respeito a uma *entrevista estruturada*, responsável pela descrição das características e pela mensuração de determinadas variáveis de um grupo social. Em nota de rodapé, Richardson (2009, p. 189) é enfático ao afirmar que “o questionário é *realmente* uma entrevista estruturada” (itálico nosso).

No tocante a esse conceito, apresentamos alguns contrapontos sobre a afirmação do autor de que os gêneros *questionário* e *entrevista* são idênticos, pois, embora ele não traga em seu texto novos argumentos para firmar essa tese, a nossa conclusão mais assertiva é de que a sua defesa para tal semelhança leva em conta o propósito sociocomunicativo inerente a ambos os gêneros, no sentido de que o questionário, ao ser aplicado, cumpre cabalmente a mesma função de uma entrevista estruturada. A nossa visão, todavia, é de que se trata de gêneros distintos, tendo em vista a diferença marcante nos processos de negociação que caracterizam cada um (BLANCHET, 1996 *apud* MACHADO; BRITO, 2009), além de outros fatores.

Em seguida, apresentamos a definição da docente de Bioestatística Sonia Vieira (2009), que confere ao questionário de pesquisa o significado de *instrumento* geralmente *construído pelo pesquisador*, contendo uma série de questões em torno de determinado tema. Note-se nessa acepção a patente vinculação entre o artefato escrito (*instrumento*) e seu efetivo produtor (*pesquisador*), sugerindo, ainda que de maneira muito incipiente, a responsabilidade do sujeito para as questões enunciativas.

³ Estudo em fase de desenvolvimento. Cf. referências bibliográficas.

O terceiro conceito exposto foi o do linguista aplicado Sérgio Roberto Costa (2014), extraído de seu *Dicionário de gêneros textuais*. Nas palavras do autor, o verbete traduz-se no seguinte:

Questionário: conjunto, relação ou sequência, oral ou escrita, de perguntas ou questões feitas para diversos fins: para servir de guia, por exemplo, a uma investigação, a uma entrevista, a um trabalho de pesquisa escolar, etc. (COSTA, 2014, p. 198)

Por se tratarem de obras de referência, é notória a semelhança entre a concepção de Costa (2014) e a do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), particularmente no que se refere à ordem e à seleção dos termos expressos nas definições 1 e 1.1:

Questionário. *s.m. (sXIV)* 1 compilação ou série de questões 1.1 sequência de perguntas feitas para servir de guia a uma investigação, uma entrevista <*q. do censo*> 2 JUR relação de quesitos formulados aos membros do tribunal do júri, relativos ao réu e ao fato delituoso © ETIM questão sob a f.rad. *question-* +*-ário*; cp. lat. *quaestionarius*, ì 'carrasco, verdugo, o que aplica a tortura'; ver ²*quer-* © SIN/VAR questionário. (HOUAISS, 2001, p. 2356)

Por fim, mencionamos a conceituação do psicolinguista húngaro Zoltán Dörnyei (2003), retomada de Brown (2001), que diz:

Questionnaires are any written instruments that present respondents with a series of questions or statements to which they are to react either by writing out their answers or selecting from among existing answers⁴. (BROWN, 2001, p. 6 *apud* DÖRNYEI, 2003, p. 6)

A disposição desse corolário possibilitou, assim, intuir que a compreensão construída em torno de um termo tem relação intrínseca com o olhar teórico-contextual de quem o define. Tomemos como exemplo a última citação dada, em que se observa o destaque que Dörnyei (2003) confere à figura do entrevistado na vinculação com as perguntas do questionário. Dos cinco conceitos aqui apresentados, o referido autor é o único a evidenciar o papel interacional do entrevistado no traçado escrito do gênero, o que conduz ao pensamento lógico de que quem escreve, escreve sempre para alguém – ainda mais quando se trata de questionários de pesquisa, cuja orientação discursiva é inerentemente dialógica – evocando a atenção do produtor para as condições de recepção desse gênero.

Seguidamente à exposição desses abrigos terminológicos, apresentamos algumas peculiaridades do gênero adaptadas de Vieira (2009). Para a autora, a noção conceitual de questionário está sempre atrelada a, pelo menos, três aspectos, quais sejam: a área de

⁴ Em tradução livre: *Questionários são quaisquer instrumentos por escrito que apresentam aos entrevistados uma série de questões ou declarações com as quais eles devem interagir, seja escrevendo suas respostas, seja selecionando respostas entre as existentes.*

enquadre da pesquisa ou levantamento⁵; o tipo de informações que podem ser solicitadas ao respondente do gênero; e o modo como os questionários devem ser aplicados.

Partindo dessas postulações, lançamos uma indagação retórica aos alunos (“O que eu posso perguntar em um questionário?”), cujos direcionamentos foram ilustrados com perguntas exemplificadoras, elaboradas com o objetivo de acionar a relação entre o tipo de questão dada e a adequação na seleção vocabular da pergunta, conforme mostram os termos em destaque no Quadro 2:

Quadro 2 | Tipos de questões que podem ser feitas ao respondente

O que eu posso perguntar em um questionário?

- ☛ Questões sobre fatos: *Quantos professores de sua escola vão ao trabalho usando meio de transporte particular?* (Princípio factível: o deslocamento dos docentes até seu local de trabalho e a origem do transporte utilizado)
- ☛ Questões sobre opiniões: *Você acha que a taxa de desemprego vai aumentar ou diminuir com a chegada de um novo presidente?*
- ☛ Questões sobre atitudes: *Você compraria um aparelho celular de última geração para seu filho como forma de incentivá-lo a estudar?*
- ☛ Questões sobre preferências: *Você prefere ler seus textos acadêmicos impressos no papel ou na tela do computador?*
- ☛ Questões sobre satisfação: *Em que medida está satisfeito com os aplicativos de entrega de comida expressa de sua cidade?*

Fonte: Adaptado de Vieira (2009).

Após essa explanação, prosseguimos com o roteiro proposto por Vieira (2009), no qual ela aponta as formas mais comuns de conduzir a aplicação de um questionário com vistas à produção de respostas. Dessa feita, o questionamento lançado aos alunos cursistas foi “De que maneiras posso aplicar um questionário?”, com o objetivo de aludir as ações defendidas pelos autores de livros de metodologia e das ciências estatísticas para a eficácia na obtenção de respostas utilizando questionários.

De acordo com a autora citada, uma vez produzida a peça escrita e já eleito o público respondente, a aplicação desse artefato pode ser conduzida de três maneiras:

a. Através de *autoaplicação*, isto é, o pesquisador entrega o questionário para o interactante, estipula um prazo para devolução e retorna para recebê-lo. Por conferir maior autonomia e liberdade ao respondente, essa técnica é válida tanto para os questionários na versão impressa quanto para os virtuais, que podem ser remetidos via endereço eletrônico ou por meio de plataforma específica. Para exemplificar esse último tipo de recurso, tão em voga hoje em dia, citamos o caso das seguintes ferramentas: *Survey Monkey* (<https://pt.surveymonkey.com/>), instituída nos Estados Unidos em 1999; os formulários do *Google Forms* (https://www.google.com/intl/pt_br/forms/about/), também de origem norte-americana e com circulação virtual desde 2005; e o *Survio* (<https://www.survio.com/br/>), criado mais recentemente na República Tcheca (2012) e

⁵ Acerca desse aspecto, já tratamos no tópico *Para compreender a pesquisa científica*.

que oferece a edição de questionários gratuitos, com modelos pré-prontos condicionados aos temas de interesse do pesquisador.

b. Por *telefone*, ou seja, por meio de conversação direta, com o pesquisador lendo as perguntas do *corpus* e anotando as respostas fornecidas pelo entrevistado, ou, ainda, utilizando aplicativos de conversação instantânea disponibilizados para aparelhos de telefonia celular, a exemplo do *WhatsApp*. Com esse recurso, as respostas tanto podem ser escritas quando gravadas. Saliente-se que esse acréscimo de informação foi pensado exclusivamente para a aula a partir da realidade vigente, haja vista que, à época em que Vieira publicou sua obra (2009), tais recursos ainda não existiam.

c. Mediante a interação *face a face*, ao modo entrevista. Nesse tipo de aplicação, o pesquisador institui uma espécie de jogo assimétrico com o respondente, com aquele lendo as perguntas, que podem, agora, até ser adaptadas à melhor compreensão deste, e registrando as respostas posteriormente.

(Re)conhecendo os tipos de questionários quanto às perguntas

Nesse estágio do minicurso, após as elucidações sobre os tipos de pesquisa científica, a realização da Atividade 1 e a abordagem das discussões teórico-conceituais que fomentaram uma compreensão mais pontual do gênero questionário, partimos para a apresentação dos tipos de questionário, cuja classificação se dá mediante o formato das perguntas.

A primeira classificação apresentada foi a proposta por Richardson (2009), para quem existem três categorias de perguntas para compor o gênero: *questionários de perguntas abertas, que são as chamadas perguntas “de responder”*; *questionários de perguntas fechadas, isto é, com respostas “de marcar”*; e *questionários mistos, que combinam os dois tipos de perguntas*.

Para abstrair essas classificações, exploramos os tipos com exemplos oriundos da pesquisa empreendida por Costa e Paz (2016), expondo, na prática, a distinção entre essas categorizações, conforme se vê nas Figuras 1, 2 e 3.

Figura 1 | Modelo questionário *Survey Monkey* com questões abertas.

Modelo de pesquisa de mercado produto

1. O que mais gosta no nosso novo produto?
2. Que mudanças melhorariam o nosso novo produto?
3. O que mais gosta em relação aos produtos da concorrência atualmente disponibilizados por outras empresas?
4. Que mudanças melhorariam os produtos da concorrência atualmente disponibilizados por outras empresas?

The image shows a screenshot of a SurveyMonkey questionnaire. The title is 'Modelo de pesquisa de mercado produto'. There are four questions listed, each followed by a text input field. The questions are in Portuguese and ask about preferences and improvements for a new product and competitors' products. The interface includes a Windows taskbar at the bottom with various application icons and system tray icons.

Fonte: Costa; Paz, 2016.

Figura 2 | Quesito 10 do questionário *Survey Monkey* com questão fechada.

10. Se o nosso novo produto estivesse disponível hoje, qual seria a probabilidade de recomendá-lo a outras pessoas?

Extremamente provável
 Muito provável
 Razoavelmente provável
 Muito pouco provável
 Nem um pouco provável

Concluído

Ativados pela
SurveyMonkey
 Veja como é fácil [criar um questionário](#).

Fonte: Costa; Paz, 2016.

Figura 3 | Modelo do questionário *Survey Monkey* com questões mistas.

6. Caso não usasse o nosso produto, por qual razão seria?

Não preciso de um produto como esse
 Não quero um produto como esse
 Estou satisfeito com os produtos da concorrência atualmente disponíveis
 Não posso pagar por um produto como esse
 Não tenho interesse em pagar por um produto como esse

Outro (especifique)

7. O que faria com que a probabilidade de que usasse o nosso produto aumentasse?

8. Qual a importância da conveniência ao escolher esse tipo de produto?

Extremamente importante
 Muito importante
 Razoavelmente importante
 Muito pouco importante
 Nem um pouco importante

Fonte: Costa; Paz, 2016.

Com terminologias marcadamente advindas do campo da Estatística, Vieira (2009) sofisticada e adensa essas categorias propondo a seguinte classificação:

- a. *questionários com respostas qualitativas com variável categorizada ou com respostas escritas nas próprias palavras do respondente;*
- b. *questionários com respostas quantitativas com variável numérica;*

- c. *questões gerais e questões específicas*; e
d. *questões fechadas e questões abertas*.

Dado que a categorização de Vieira (2009) se mostra mais ampla e complexa que a de Richardson (2009), optamos por apresentá-la aos alunos através de apostila impressa (cf. *Quadro 3*), que foi entregue individualmente a cada cursista com o fito de realizar a leitura para posterior explanação das classificações.

Quadro 3 | Apostila entregue aos alunos sobre os tipos de questionário quanto às perguntas

<p>1. Questionários com respostas qualitativas com variável categorizada Ex.: Você assistiu ao último jogo da Copa do Mundo de 2014? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não me lembro.</p> <p>2. Questionários com respostas qualitativas escritas nas próprias palavras do respondente Ex.: Por que você escolheu fazer o Curso de Letras? _____</p> <p>3. Questionários com respostas quantitativas com variável numérica Ex.: Qual é a sua faixa de idade? <input type="checkbox"/> Até 20 anos <input type="checkbox"/> De 20 a 29 anos <input type="checkbox"/> De 30 a 39 anos <input type="checkbox"/> De 40 a 49 anos <input type="checkbox"/> De 50 a 59 anos <input type="checkbox"/> 60 anos ou mais</p> <p>4. Questões gerais / Não específica condições Ex.: Você gosta de trabalhar em equipe? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>5. Questões específicas / Especifica condições, o que pode levar à variação na resposta Ex.: Você gosta de trabalhar com a equipe que tem hoje em sua escola? <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não</p> <p>6. Questões fechadas ☞ <i>Sobre Fatos e Atitudes</i> Não devem dar margem a outra resposta além das dadas Ex.: Você mora em Currais Novos? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não ☞ <i>Questões fechadas sobre Opiniões</i> Ex.: O senhor concorda com a liberação do uso da maconha no Brasil? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sei dizer / prefiro não opinar</p> <p>6.1 Tipos de perguntas fechadas 6.1.1 Binárias Exemplos: Você frequentou a escola quando era criança? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não A educação é o melhor modo de ascensão socioeconômica de uma pessoa? <input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo 6.1.2 Múltipla escolha Ex.: Qual o seu grau de escolaridade? <input type="checkbox"/> Alfabetizado <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Fundamental completo <input type="checkbox"/> Médio incompleto 6.1.3 Escalonada Indica posicionamento Escala de intensidade 0 a 100% Ex.: Você é a favor da descriminalização do aborto no Brasil? <input type="checkbox"/> Totalmente contrário <input type="checkbox"/> Moderadamente contrário <input type="checkbox"/> Indiferente <input type="checkbox"/> Moderadamente favorável <input type="checkbox"/> Totalmente favorável <i>Exemplos de respostas escalonadas em pesquisas factíveis e atitudinais no contexto escolar</i> ☞ Você costuma ler livros literários em casa? ☺ Sim ☹ Às vezes ☹ Nunca <i>Expressões clássicas de frequência para respostas escalonadas</i> <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca</p>
--

Outros exemplos de expressões de frequência para respostas escalonadas

- Quase sempre | Entre 75 e 100%
- Muito | Entre 50 e 75%
- Ocasionalmente | 50%
- Pouco | 25%
- Nunca | 0%

Expressões de relevância

- Muito importante
- Importante
- Mais ou menos importante
- De pouca importância
- Sem importância

Expressões de qualidade

- Ótimo
- Muito bom
- Bom
- Ruim
- Péssimo

Expressões de probabilidade

- Muito provavelmente
- Provavelmente sim
- Possivelmente
- Provavelmente não
- Muito provavelmente não

Expressões de satisfação/insatisfação

- Totalmente satisfeito
- Satisfeito
- Parcialmente satisfeito
- Insatisfeito
- Totalmente insatisfeito

7. Questões abertas

Apesar de ser classificadas como *abertas*, não devem sugerir qualquer tipo de resposta, mas respostas espontâneas capazes de iluminar o fenômeno investigado. Podem ser diretas ou sugerir que sejam completadas.

Ex.: 1. Por que você decidiu voltar a estudar? _____

2. Eu decidi voltar a estudar porque _____

Fonte: Adaptado de Vieira (2009).

Efetivadas a leitura e a exposição desse material, apontamos algumas observações relevantes envolvendo a construção das questões abertas. No segundo exemplo do tópico 7, a pergunta na forma indireta se vale de um recurso retórico valioso, que é transportar a fala do respondente para o cerne da pergunta. Vieira (2009) lembra que perguntas sob esse viés, se bem elaboradas pelo pesquisador, constituem um modo de perguntar muito proveitoso nas Ciências Humanas. Ademais, para qualificar a produção escrita de questões abertas, o pesquisador deve ter em mente, de antemão, algumas expectativas de respostas.

Vejamos essas situações-exemplo: para a pergunta “Por que você decidiu voltar a estudar?” em uma turma de acadêmicos com muitos alunos de meia-idade, o pesquisador deverá ter partido de algumas premissas básicas, a saber: a. Oportunidade de ascensão no mercado de trabalho; b. Os filhos já não são mais crianças e agora tem mais tempo para estudar; c. Desejo de manter a memória ativa, aprender coisas etc.

Respostas inesperadas também podem aparecer no levantamento, uma vez que esse tipo de pergunta parte da realidade dos respondentes e não da do pesquisador. Novas perguntas, portanto, têm a vantagem de poder contribuir para o enriquecimento da empiria, condicionando novas análises durante a apreciação dos dados gerados.

Ainda no que se refere à formulação de perguntas abertas, recomenda-se a realização de uma espécie de pré-teste, em que o aluno pesquisador, valendo-se da simulação, possa responder as questões que ele mesmo produziu. Essa prática permite perceber se a resposta será longa ou não. Assim, se no questionário produzido houver grande quantidade de perguntas abertas, é importante delimitar o espaço destinado às respostas escritas, especialmente no caso dos questionários de autoaplicação, em que não há a presença do pesquisador para orientar o processo de obtenção das respostas.

Aplicando a Atividade 2: o reconhecimento do gênero

Para a execução da Atividade 2, solicitamos aos alunos que respondessem com atenção um questionário destinado a estudantes de nível superior, e, logo em seguida, classificassem as perguntas componentes quanto ao tipo, tomando como base a categorização proposta por Richardson (2009).

Quadro 4 | Modelo de questionário para os alunos.

Pesquisa para estudantes de educação continuada	
<i>Prezado Sr. / Sra., obrigado pela sua visita. Completar este breve questionário vai nos ajudar a obter os melhores resultados.</i>	
1. Onde você estuda?	
<input type="checkbox"/> Em casa	<input type="checkbox"/> Em um curso
<input type="checkbox"/> Formal	<input type="checkbox"/> Outro
(Especifique) <input type="text"/> <i>100 caracteres restantes</i>	
2. Você participa de cursos de educação continuada?	
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Às vezes	
3. O que te levou a entrar para a educação continuada?	
<input type="checkbox"/> Eu quero continuar a me desenvolver	
<input type="checkbox"/> Eu quero um emprego/carreira melhor	
<input type="checkbox"/> Outro (Especifique) <input type="text"/>	
4. Onde você frequenta os cursos de formação?	
<input type="checkbox"/> Biblioteca	<input type="checkbox"/> Centros de treinamento
<input type="checkbox"/> Trabalho	<input type="checkbox"/> Pela internet
<input type="checkbox"/> Outro (Especifique) <input type="text"/>	
5. Qual é principal meio de estudo que você utiliza?	
<input type="checkbox"/> Livros didáticos	<input type="checkbox"/> textos online
<input type="checkbox"/> Vídeos	<input type="checkbox"/> Outro
(Especifique) <input type="text"/>	
6. Qual é a sua área de estudo?	
<input type="checkbox"/> Línguas	<input type="checkbox"/> Ensino de TI (informática)
<input type="checkbox"/> Biologia	<input type="checkbox"/> Botânica
<input type="checkbox"/> Outro (Especifique) <input type="text"/>	

7. Quanto você se desloca para realizar seus cursos?
 Eu estudo em casa 1 - 20 Km 21 - 50 Km Mais de 50 Km

8. Quanto você gasta por ano com educação continuada atualmente?
 R\$0 R\$50 R\$100 R\$500 R\$1.000 Mais de R\$1.000

9. Confirme o seu sexo:
 Masculino Feminino

10. Confirme a sua idade: _____

Fonte: <<https://www.surveio.com/modelo-de-pesquisa/pesquisa-para-estudantes-de-educacao-continuada>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Importante salientar que a solicitação de preenchimento aos aprendizes foi feita sem que tivéssemos informado, previamente, que o artefato entregue fora extraído *ipsis litteris* do banco de questionários pré-elaborados sobre educação de nível superior da Survio.com.

Essa omissão intencional visava submeter os alunos ao desafio de responder todas as perguntas do inquérito sem fazer qualquer intervenção, testando-lhes o entusiasmo e a capacidade de não “desistir” do questionário. Os objetivos precípuos dessa tarefa consistiam, assim, em testar a resiliência dos discentes na relação escrita com o gênero e atinar para a adequação das perguntas e respostas ofertadas na comparação com a realidade acadêmico-formativa deles.

Na socialização, percebeu-se o quão fácil foi empreender a classificação das perguntas quanto ao tipo (*mistas e fechadas*). No entanto, a despeito da aparente simplicidade das perguntas do esboço, boa parte dos alunos teve bastante dificuldade para responder os quesitos, especialmente por “não compreenderem o objetivo de algumas perguntas” ou por não se enquadrarem como respondentes aptos para o tipo de perguntas demandadas nesse questionário. Um dos alunos relatou ter desistido do preenchimento, alegando certo desagrado quanto à disposição de alguns termos, a exemplo da expressão “educação continuada”, presente no título e nas questões 2, 3 e 8.

Com essa experiência, procuramos mostrar os riscos de se extrair questionários prontos da *web*, sem fazer os devidos ajustes nas perguntas e também nas opções de respostas, passo fundamental quando o desejado é favorecer uma boa captação de dados. Tal descuido incorre em uma prática que pode ocasionar prejuízos ao trabalho do pesquisador, comprometendo, inclusive, o progresso da pesquisa aventada.

A ordem e a redação das questões: aspectos retórico-discursivos

Caminhando para os momentos finais da aula, tratamos sobre a importância da disposição das perguntas arroladas em um questionário, visando mostrar como a ordem das perguntas pode afetar o interesse do respondente e, em muitos casos, a qualidade das informações prestadas.

Na análise prévia de um questionário, há as chamadas *ideias mestras*, que servem de descritores na composição das perguntas. Elas devem aparecer na ordem das questões introdutórias. Nesse sentido, deve-se começar fazendo perguntas sobre fatos (informações demográficas dos próprios respondentes: nome, sexo, idade, escolaridade etc.). O objetivo das perguntas demográficas, mais objetivas e fáceis de preencher, é

realçar o perfil do informante, estimulando-o a responder algo que agora carrega um pouco de sua vida, identidade e história.

Depois, vêm as perguntas de opinião (“Você acha que...”), naturalmente mais abstratas e reflexivas. Em seguida, recomenda-se produzir questões relacionadas a sentimentos e impressões que evidenciem a temática pesquisada (“Como você se sente sendo aluno de um curso de licenciatura após tantos anos fora da escola?”). Essa linha de organização deve sugerir que as questões dispostas vão das mais fáceis e objetivas às mais complexas e subjetivas, evitando, assim, comprometer a fluidez das respostas.

A cada pergunta elaborada, o aluno-pesquisador reflexivamente deve se perguntar: “Essa questão é mesmo necessária? Como poderei usar a resposta no processo de análise que almejo realizar a partir dessa questão?”.

No tocante à redação das questões, lembramos aos discentes que a efetiva atenção dada à elaboração das perguntas é fator que leva a respostas verdadeiras. Assim, a ausência desse cuidado pode resultar em falácias ou em dados sem relevância científica. Particularmente no âmbito das Ciências Humanas, questões bem formuladas são essenciais para o sucesso de uma pesquisa de natureza qualitativa. A boa pergunta é aquela capaz de produzir respostas válidas, passíveis de gerar inteligibilidades. Portanto, para fazer boas perguntas, é preciso escrever, criticar e reescrever sempre.

A fim de elucidar essas ponderações mais objetivamente, apresentamos a síntese de informações que referenciam a capacidade argumentativa subjacente aos aspectos formais e extrínsecos na apresentação das perguntas de um questionário (cf. *Quadro 5*), observando, na sequência, os aspectos retórico-discursivos que devem nortear a produção das perguntas (cf. *Quadro 6*).

Quadro 5 | Aspectos formais das perguntas

Aspectos formais | Quando a aparência é um argumento

- ↪ Use sentenças curtas. As longas podem confundir.
- ↪ Opte por palavras simples e diretas, adequadas ao nível de instrução dos respondentes.
- ↪ Capriche na formatação: nada de erros de digitação ou de ortografia.
- ↪ Enfatize as palavras cruciais, usando destaques como *italico*, **negrito** ou sublinhado.
- ↪ Numere as questões. Isso facilitará inclusive a tabulação dos dados depois.

Fonte: Adaptado de Vieira (2009).

Quadro 6 | Aspectos retórico-discursivos das perguntas

Aspectos retórico-discursivos | Foco na qualidade discursiva das respostas esperadas

- ↪ Pergunte uma coisa de cada vez: são as perguntas *fatiadas*, que, preferivelmente, têm uma só interrogação.
- ↪ Elabore perguntas plausíveis: as pessoas conseguem responder o questionário sozinhas, como autoaplicação, sem a intervenção do pesquisador?
- ↪ As perguntas devem produzir respostas variadas. Portanto, revise-as criteriosamente, a fim de evitar redundâncias nas respostas.
- ↪ Cuidado com as perguntas diretivas: “Você costuma punir seus alunos com notas baixas ao flagrá-lo ‘colando’ nas provas?”. Ao invés disso, escreva com parcimônia: “O que você pensa a respeito da ideia de punir alunos que costumam ‘colar’ nas provas?”
- ↪ Evite frases negativas (com palavras como *não* e *nunca*): “Você acha que seus

alunos *nunca* leem em casa?” | Aqui, ao optar por dizer *não*, o respondente, na realidade, não está dizendo nem que sim, que nem não.

⌘ Não use palavras vagas ou genéricas na formulação das perguntas: “Você faz *muitas* aulas de campo, fora das ‘quatro paredes da sala’, com seus alunos?”. O ideal é perguntar “Quantas vezes, neste bimestre, você proporcionou aulas de campo aos seus alunos?”

⌘ Cuidado com as palavras ou expressões de duplo sentido: “Como *estão* seus alunos de EJA este bimestre, após o recesso escolar?” | Possibilidades de respostas reais: “Sentados.” “Não estão. Estavam.” “Mais ou menos.”

⌘ Evite pedir aos respondentes que ordenem uma série longa de itens por ordem de importância. A dificuldade da tarefa aumenta muito quando o número de itens é grande. Recomenda-se, nesse caso, que na formulação do texto da pergunta fique claro que as questões devem ser ordenadas. Um exemplo: “Assinale o grau de importância, ao escolher ser professor/a, que você atribui aos itens seguintes. Para tanto, atribua nota 5 ao item de maior importância e nota 1 ao item de menor importância.” Itens para enumeração por valoração: Gostar do trabalho [] – Desejo de contribuir com a educação do País [] – Necessidade financeira [] – Oportunidade de crescer [] – Companheirismo dos colegas [].

Fonte: Adaptado de Vieira (2009).

Em última instância, a linguagem de um questionário com vistas à produção do conhecimento científico deve obedecer à norma padrão da escrita. Portanto, evitar abreviações, gírias, expressões regionais, palavras técnicas demais e em outro idioma é essencial à boa escrita de um questionário de pesquisa. As únicas ressalvas são com relação às abreviações e aos termos estrangeiros: palavras abreviadas só podem ser usadas com legendas ou quando se tem certeza de que serão compreendidas pelo respondente. Na dúvida, recomenda-se não abreviar. Já os estrangeirismos são aceitos quando já foram incorporados ao vocabulário corriqueiro de uma comunidade de falantes, podendo ser facilmente consultados em dicionários ou em outras fontes confiáveis.

Outra recomendação comum ao escrevente, ainda no que se refere ao aspecto em questão, está na polêmica busca pela “neutralidade” e na postura imparcial assumida em perguntas que digam respeito a figuras públicas, o que desloca para a pessoa entrevistada a responsabilidade de se expressar livremente. Vejamos esse exemplo: “O que você pensa da atual Secretária de Educação do Estado do RN, Sra. Cláudia Santa Rosa?”. Ao invés disso, deve-se substituir o verbo ‘pensar’ por outro mais diretivo, como sugere a pergunta refeita: “Na condição de docente, como você *avalia* a ação junto à Educação pública do Estado desenvolvida pela atual Secretária da pasta, Sra. Cláudia Santa Rosa?”.

Ainda sob o viés dessas discussões, apresentamos algumas recomendações finais de natureza ética propostas por Richardson (2009) e Vieira (2009), que focalizam a aplicação do que os autores classificam como um bom questionário. Assim, ao aluno/pesquisador caberá:

- ✓ determinar o tamanho (extensão), a natureza e o conteúdo do questionário conforme o problema ou a questão de pesquisa em perspectiva;
- ✓ respeitar o entrevistado/colaborador como pessoa humana, uma vez que ele pode ter interesses e necessidades que divergem das do pesquisador;
- ✓ não ultrapassar o tempo de uma hora de duração para que o questionário de pesquisa seja integralmente respondido;

- ✓ limitar-se a apenas registrar as respostas fornecidas pelo entrevistado, evitando comentar de maneira ofensiva, discutir ou discordar da informação prestada.

Finalizando a aula com a prática de escrita: a Atividade 3

Como exigência de escrita final vigente na Atividade 3, intitulada *Dados Estatísticos: o questionário pelo avesso*, apresentamos uma proposição que buscava harmonizar a relação entre os tipos de perguntas que podem compor um questionário e a natureza da pesquisa científica. Por se tratarem de tópicos estudados ao longo da aula, um dos objetivos dessa tarefa era revisar os temas e retomá-los na prática de escrita.

Ademais, procuramos realçar a vinculação entre os dados produzidos a partir de questionários e a interpretação da linguagem de gráficos. Para tanto, abaixo do enunciado da atividade (cf. Quadro 7), disponibilizamos três gráficos aleatórios que deveriam, antes, ser interpretados a fim de servir como subsídio para os alunos no tocante à produção e apresentação das perguntas.

Quadro 7 | Enunciado da Atividade 3

☞ Você é um discente do Curso de Pedagogia que acabou de realizar uma pesquisa acadêmica com servidores de três escolas públicas do município de Cerro Corá, no interior do Rio Grande do Norte. Em sua pesquisa, de natureza quali-quantitativa, você aplicou um questionário que resultou em dados que ficaram tabulados em **três gráficos**. No entanto, o *notebook* no qual tais perguntas estavam salvas foi levado de assalto e em breve o seu orientador precisará vê-las para fazer uma avaliação geral da pesquisa realizada. Agora, a melhor saída é esfriar a cabeça e **elaborar 8 boas perguntas, sendo cinco do tipo aberta, duas do tipo fechada e uma mista, que combina perguntas abertas e fechadas**. Antes, porém, lembre-se de fazer **duas perguntas com informações demográficas** acerca dos colaboradores.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Figura 4 | Gráficos docentes versus docentes com nível superior

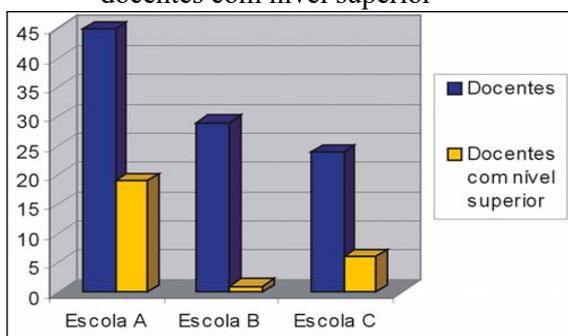


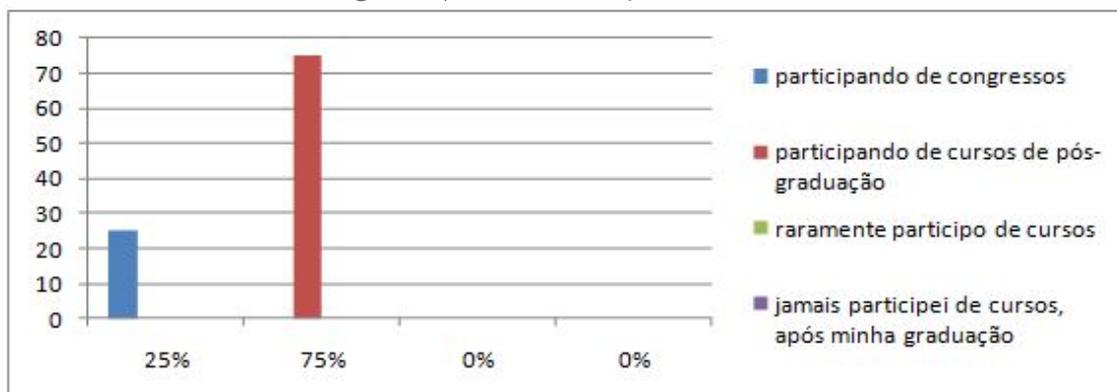
Figura 5 | Relação aluno/professor



Fontes:

<<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2001/02/a7.htm>.> Acesso em: 20 ago. 2018.

Figura 6 | Gráfico formação docente



Fonte: <<http://www.efdeportes.com/efd178/a-formacao-do-professor-de-educacao-fisica.htm>>
Acesso em: 20 ago. 2018.

A partir dessa situação hipotética apresentada no enunciado e tomando como base as informações depreendidas nos gráficos, os alunos se reuniram em pequenas equipes, compostas por duas ou três pessoas, a fim de elaborarem um *corpus* que tivesse no mínimo dez perguntas.

Nas perguntas demandantes de informações demográficas, que normalmente aparecem encabeçando o questionário, as mais comuns foram: “Qual é o seu nome completo?” e “Qual a sua idade?”. Quanto às cinco perguntas abertas produzidas pelos alunos, a maioria abordou aspectos relacionados à área de atuação dos possíveis colaboradores e se estes já participaram de congressos após terem se tornado professores. Nesse tipo de questão, percebemos a intenção dos alunos de elucidar as informações do gráfico da Fig. 6, referente aos tipos de aperfeiçoamento da prática docente.

Ainda dentre as perguntas abertas, houve uma que solicitava ao respondente para *definir* o seu local de trabalho, conforme transcrevemos a seguir: “Como você definiria seu ambiente escolar?”. Ao propor à equipe a refacção dessa pergunta, salientamos o problema iminente em questionamentos muito amplos e genéricos, que não deixam claro o tipo de definição esperada nem o seu contexto. Assim, o mais apropriado seria perguntar: “Como você caracteriza o seu ambiente de trabalho levando em conta a relação com seus pares?”, oferecendo, desse modo, certo encaminhamento para a construção da resposta.

Já nas perguntas do tipo fechada, em que o respondente não tem alternativas de respostas senão as dadas pelo próprio questionário, observou-se a opção pelas respostas binárias, do tipo “sim” e “não”, conforme pedia a questão “Você é satisfeito com a profissão que exerce?”, produzida em um dos *corpus*. Aqui, a equipe poderia ter optado, para efeito de melhor aproveitamento da empiria, por uma pergunta do tipo mista, em que o colaborador pudesse justificar o porquê de sua escolha após assinalar a resposta desejada.

Por fim, na pergunta enquadrada como mista, solicitada no comando da atividade, as equipes recorreram à interpretação do gráfico da Fig. 5, que trata da relação professor/aluno. Como opção de respostas, houve incidência das do tipo escalonada com expressão de qualidade, como na pergunta “Em sua escola, como é a relação aluno/professor?”. Aqui, as respostas disponíveis foram “boa”, “regular”, “ruim” e “péssima”, ao final das quais o respondente deveria justificar, à livre escrita, a opção marcada.

Nos *corpora* analisados, não se observou perguntas produzidas que levassem em conta a interpretação do gráfico expresso na Fig. 4, comparando o quantitativo de docentes com e sem formação de nível superior de três escolas.

No encerramento da aula, após a socialização das perguntas produzidas pelas equipes, recolhemos as atividades e levantamos novas discussões em torno das dificuldades mais pontuais vivenciadas no processo. Obviamente, muitas dúvidas vieram à tona nesse momento, e muitas delas certamente se fizeram acompanhar dos alunos, haja vista, entre outros fatores, a recentidade do assunto para eles em face das inesgotáveis possibilidades de escrita que o gênero em questão oferece.

Dos vinte cursistas que permaneceram até o final, catorze forneceram seus contatos de *e-mail* solicitando o envio dos recursos utilizados durante a exposição dos tópicos programados na ementa. Aproveitamos essa abertura para disponibilizar, além disso, a íntegra dos artigos citados na Atividade 1 e outros materiais teóricos como recomendação de leitura sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, trouxemos a súmula de uma experiência didática envolvendo o ensino do gênero questionário de pesquisa em contexto acadêmico. Bhatia (2001, p. 113) lembra que a análise aplicada de gêneros “[...] não é estática nem prescritiva. Potencialmente, ela é dinâmica e descritiva”. Essa combinação confere aos docentes de língua materna e estrangeira a liberdade na seleção dos modos de utilização e exploração dos comportamentos linguísticos de determinados gêneros, sobretudo aqueles produzidos em ambientes específicos, caso da academia e de alguns contextos profissionais.

Sob essa ótica, privilegiamos a descrição dos principais aspectos que nortearam a execução do minicurso *Produzindo questionários de pesquisa*, a saber: primeiro, com a classificação das pesquisas científicas quanto à sua natureza, que prevê qualificações e quantificações; segundo, com as concepções de questionário de pesquisa à luz dessa classificação; e terceiro, com o esmiuçar das atividades propostas aos alunos, as quais contemplaram leitura, análise e produção escrita de questionários.

Nessa experiência, ressaltou-se a importância do *feedback* no trabalho com os gêneros: uma das nossas conclusões é de que tem sido de pouco proveito para uma comunidade de aprendizes a realização de leituras e mesmo de práticas de escrita sem o paralelo da socialização e das reescritas. Nesse sentido, em função da exígua duração do minicurso, valorizamos o interesse desperto nos discentes quando abrimos um canal, via *e-mail*, para que eles pudessem receber os materiais de leitura complementar e se aprofundarem sobre questões teóricas relacionadas ao tema estudado.

Outro aspecto que deve ser destacado diz respeito à vertente interdisciplinar possibilitada pelos currículos que focalizam o ensino a partir dos gêneros de texto. Em nosso minicurso, diversas searas do conhecimento foram elucidadas a fim de iluminar a compreensão do que seja um questionário de pesquisa. Seguindo a nossa proposta inicial, ao percorrer mais de uma concepção de questionário sob perspectivas diferentes, o intento era realçar-lhe o significado de gênero textual, não evidenciado com tanta obviedade nos tratados de metodologia, justamente o aporte no qual o tema tem se mostrado mais abundante, mas pouco aderente a essa proposta.

Por fim, ainda retomando Bhatia (2001), a difusão da experiência com gêneros se mostra pertinente principalmente porque interroga o hermetismo teórico, clássico dos

currículos da graduação, e favorece a sua problematização. Tal compartilhamento não só tem iluminado novos caminhos e inspirado práticas no âmbito do ensino de línguas, ao considerar as tipificações e regularidades genéricas, mas impulsionado a realização de estudos que se preocupam em oferecer resultados qualitativos integrados ao letramento acadêmico.

Referências

- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (Org.). São Paulo: Cortez, 2005.
- BHATIA, Vijay K. Análise de gêneros hoje. Trad. Benedito Gomes Bezerra. **Revista de Letras**, n. 23, vol. 1/2, jan./dez., p. 102-115, 2001.
- CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.
- COSTA, Maria Aparecida da. **O gênero questionário de pesquisa do/no IBGE: produção, usos e implicações**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal/RN, em desenvolvimento.
- COSTA, Maria Aparecida da; PAZ, Ana Maria de Oliveira. Um olhar sobre os questionários de pesquisa virtuais: gênero e ensino. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA, LINGUÍSTICA E ENSINO (2, 2016, Mossoró, RN, 23 a 25 de novembro). **Anais...** Organizadores Ana Maria de Carvalho, Moisés Batista da Silva. Mossoró, RN: Edições UERN, 2016. pp. 470-482.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DÖRNYEI, Zoltán. **Questionnaires in second language research: construction, administration, and processing**. [s.l.]: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, M. de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO, Anna Rachel; BRITO, Célia. O agir languageiro em questionário de pesquisa. In: MACHADO, Anna Rachel *et al.* (Org.). **Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. pp. 137-160.
- MILLER, Carolyn. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Colab. José Augusto de Souza Peres *et al.* 3. ed. 10. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- SILVA, Antônio João Hocayen da. **Metodologia da pesquisa: conceitos gerais**. Paraná: Unicentro, s.d. Disponível em: <<http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/841/1/Metodologia-da-pesquisa-cient%C3%ADfica-conceitos-gerais.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2018.
- SOUZA, Micheli Gomes de; BASSETTO, Livia M. Turra. Os processos de apropriação de gêneros acadêmicos (escritos) por graduandos em Letras e as possíveis implicações para a formação de professores/pesquisadores. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 83-110, 2014.
- VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

XAVIER, Alice Pereira. Uma visão antropológica da aplicação de questionários na pesquisa em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil: Editora UFPR, n. 44, abr./jun., p. 293-307, 2012.

Submetido em 14 de março de 2019. Aprovado em 28 de junho de 2019.